

## PELES TATUADAS: CORPOS SELVAGENS, DESEJOS E RASTROS

Daniel Correa Felix de Campos

**RESUMO:** *O artigo que proponho se concentra na literatura de Genet, mais particularmente dos escritos que tratam das peles tatuadas, ou seja, a tatuagem como marca ou rastro que liberta e aprisiona corpos e desejos. Aproximo-me do pensamento de Derrida com incursões e conexões entre literatura e psicanálise. Peles tatuadas, desejos, corpos, arquivos e rastros são desvelados.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Genet. Peles tatuadas. Desejo. Corpos.*

**ABSTRACT:** *This article concentrates in Genet's literature, more specifically in the writings about tattooed skins, that is, tattoo as a mark or trace which sets free and imprisons bodies and desires. I approach Derrida's thoughts with incursions and connections between literature and psychoanalysis. Tattooed skins, desires, bodies, files and traces are unveiled.*

**KEYWORDS:** *Genet. Tattooed skins. Desire. Bodies.*

<sup>1</sup> Em seu artigo *Les Anormaux*, considerando as sociedades ocidentais, Michel Foucault assinala três grupos distintos. O monstro humano (entre outros casos o hermafrodita); o onanista e por fim o indivíduo que viola a lei, e que deve ser corrigido - o preso. Sobre eles incidem políticas de “*disciplinarisation*”, “*dressement*” e “*renfermement*”. Afinal, tais práticas e políticas produzem-se e reproduzem-se simultaneamente, a fim de assegurar e de legitimar as relações de poder, a lei e os interditos diversos. [FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Tome II. Gallimard. Paris, 1994, p. 268.]

<sup>2</sup> Em relação à obra de Genet, as peles são compostas pelos: - escritos na prisão; - escritos e as inscrições, nos corredores, nos banheiros, nas celas, nas solitárias, nos interiores e nos muros do cárcere como escritos que se insurgem contra o sistema carcerário e pelos escritos na pele, as tatuagens.

<sup>3</sup> Híbrido e hibridismo são termos apresentados e argumentados em minha dissertação. Entendo o termo híbrido segundo a análise de Foucault ao narrar que os presos na história dos cárceres eram considerados como monstros, então, transportam para esse assombro humano a imagem do minotauro da mitologia da Grécia Antiga. Da metáfora-imagem do minotauro interpreto que os homens presos se tornam também híbridos, meio-homens e meio-feras, como o minotauro, ser híbrido que condenado transgride, pede e cria a lei. Mas também entendo sob o olhar de Deleuze e Guattari, do livro *devenir-animal*. [DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Vol. IV. Trad. Júlio C. Guimarães. Ed. 34. Rio de Janeiro, 1996. p. 11.]

<sup>4</sup> O desejo de ter a tatuagem engendra a solicitação da lei, evidenciando a presença da metáfora paterna, a castração. Esse desejo de possuir a marca no corpo é acompanhado de uma sensação de falta. É a simbologia do paradoxo, pois ao mesmo tempo em que o apelo tem o tom de “me corte”, “me castré”, incorpora o desejo da posse do objeto faltante. Nessa estruturação subjetiva do “eu”, a tatuagem se inscreve como um “complemento” ou como um grande engodo pelo qual se busca a falta e, concomitantemente, se quer supri-la. A tatuagem desvela e ratifica o pedido de castração e ao mesmo tempo marca a incorporação do objeto para tapar a falta. Como se o sujeito ao querer a tatuagem esteja a pedir “me castré”, para que, após a identificação e a incorporação da inscrição sobre a pele, acredite ter a posse do falo para enfim, supostamente, poder afirmar: “me torno fálico”.

Trato nesse artigo dos escritos de Jean Genet. Esses que, aos meus sentidos, arrancam do silêncio uma miríade de vestígios que a história oficial simplesmente não só não registra como exclui e apaga. Genet traz à cena da escrita a história não oficial dos vencidos, dos *anormaux*<sup>1</sup>, daqueles que viveram e vivem nas bordas da sociedade, sujeitos à exclusão e ao extermínio. Sua literatura reflete (tal como a superfície de um espelho) passagens marcadas pelo poder, pela barbárie, mas também pela resistência e pela transgressão. Genet atravessa essas experiências como a percorrer os mais diversos caminhos e desvios “labirínticos” da condição humana.

Dessa forma, procuro perseguir na arte de Genet alguns traços ou “rastos” que revelam a condição humana, o desejo, a transgressão, a libertação. E estes parecem surgir, aos meus olhos, como resíduos encontrados no conjunto arquitetônico de sua obra. Compreendo os escritos de Genet na esteira de Derrida, sigo essa trajetória com o intento de tratar das peles<sup>2</sup>, especificamente das peles tatuadas. Ao mesmo tempo, persigo a idéia de composição de um arquivo que denomino *Arquivo dos Homens Híbridos*<sup>3</sup>.

Quanto à tatuagem, parece importante relacioná-la à psicanálise, que a interpreta como traço-impressão que se realiza nos três registros ou dimensões. Assim, a tatuagem<sup>4</sup> se realiza no real, ao incorporar no corpo a marca do desejo, no simbólico como traço tribal que remete às mais remotas culturas e suas respectivas tradições e ritos, e ainda no imaginário pelo desejo de ter a coisa *das Ding*.

## 1. As peles tatuadas

Antes de discutir mais a respeito das tatuagens nos escritos de Genet, faço uma breve abordagem da origem etimológica do termo. Segundo Borel (1992), a palavra tatuagem tem origem no Taiti – *tatau* – que significa desenho e, de acordo com sua análise, tatuar representa, em francês: “*frapper, faire une incision*”. Já o célebre dicionário francês – *Littré* (BEAUJEAN, 1959, p. 2219), revela:

Tatouer – (mot de Tahiti) – Peindre barioler le corps de figures de diverses couleurs. Se tatuer. Les habitants de L’Océanie ont l’habitude de se tatuer. Tatouage – (voy. Tatouer) – L’ensemble des moyens par lesquels des matières colantes, végétales ou minérales, sont introduites sous l’épiderme et à des profondeurs variables, à l’effet de produire une coloration ou des dessins apparents et presque indélébiles.

O *Larousse dictionnaire de la langue française* (DUBOIS, 1989, p. 1845) reafirma que a palavra tem origem no Taiti, sendo incorporada à língua francesa durante o século XVIII. Define *tatouer*: *imprimer sur le corps des dessins indélébiles*.

Como prática tribal e milenar de tatuar o corpo, o tema é alvo de estudos em diversas áreas do conhecimento como a antropologia e a psicanálise. Voltam-se esses estudos à investigação das crenças e simbologias subjacentes aos totens e às tatuagens, como importantes marcas, traços ou inscrições das tribos ou clãs pelas quais se faziam distinguir.

Em fins do século XIX e início do século XX, estudiosos contemporâneos a Freud compararam os totens e as tatuagens às “insígnias heráldicas” pois eram por meio dessas marcas que tribos e clãs, famílias e indivíduos se diferenciavam uns dos outros, caracterizando identidades particulares. O próprio Freud investigou essa área, analisando o totemismo e as crenças em torno das tatuagens, vendo-as também como uma necessidade de registrar as diferenças grupais.

A tatuagem é, sem dúvida, a marca que distingue, especifica, separa, une e enobrece, e é essa marca que se fixa no corpo, na história e na memória da pele. Essa marca, que é uma escrita definitiva no corpo, é também a metáfora do desejo de imortalidade por meio da escrita–inscrição–desenho na pele.

As tatuagens possuem aspectos simbólicos como códigos que autorizam ou não a inserção no grupo; aspectos eróticos, como arte–artesanía–artefato que se inscreve, se entalha, se imprime e se revela como uma segunda pele. A “pele” desenhada sobre a pele que seduz, brilha, provoca o desejo e, simultaneamente, ratifica o desejo de preservar sob a forma

de escrita–inscrição–desenho um arquivo memorial de objetos de desejo esculpido na pele, a tatuagem guarda “o brilho fálco”.

A tatuagem aponta para uma diferenciação. Ela não pode ser apagada (ainda que as novas tecnologias da cirurgia plástica sejam capazes de retirá-la, não há um apagamento total da cicatriz). Afinal, tatuar equivale a: imprimir, entalhar, marcar, lavar, inscrever, esculpir na pele. É evidente que a tatuagem atinge a superfície e sobre ela se desvela, no entanto, a pele recebe uma incisão e o instrumento que a entalha a rompe e faz sangrar.

É importante ilustrar que em hebraico o termo entalhar, ou gravar contém a idéia de eternidade. Esse termo é caracterizado pelo verbo – *zekher* (CANDAUI, 1998, p. 80) – que é gravar, entalhar e é também “lembrar-se de algo”, mas não ao acaso e depois relegado ao esquecimento, e sim no sentido de lembrar de algo para a eternidade. Logo, a tatuagem carrega em si o desejo de conservar sob a forma de escrita uma memória, uma história, uma cultura, um traço sobre a pele. Ela é uma inscrição irrevogável, eterna na medida em que não há como apagá-la, pois cicatrizes sempre vão permanecer.

Em *Mitológica Rosiana*, Walnice N. Galvão (1978, p. 52) assinala que há dois tipos distintos de marcas sobre a pele: as marcas efêmeras ou de ocasião como as pinturas e as maquiagens, e as marcas permanentes. As últimas, por sua vez, contêm duas significações distintas: a marca infame, desde tempos imemoráveis exalta a cicatriz do criminoso, do escravo ou do pecador como, por exemplo, as marcas feitas nas vítimas da Inquisição: marca do diabo. Mais recentemente na história da humanidade, as marcas nos judeus, nos homossexuais e nos ciganos dos campos de concentração – uma das violentas atrocidades do nazismo. Nesse contexto, a tatuagem surge como sinônimo de mal, de castigo, de humilhação, de pecado, de dor – estigma do excluído, do condenado. A outra marca é denominada marca de pertença – caracteriza a herança, o patrimônio, o arquivo, a marca de linhagem de honra e de altivez. Essa marca também pode indicar a relação do homem com a divindade mais especificamente com o Pai, Deus, ou um rito entre homens (somente entre homens) como é a circuncisão.

Interessa-me aqui estudá-la no contexto do confinamento das prisões. No interior dos cárceres, ela também reproduz as duas marcas acima descritas: a que reafirma o estigma da marginalidade, da exclusão; e a marca de pertença, a que representa a confirmação do poder clandestino, ou seja, daqueles que no interior do confinamento possuem, produzem e reproduzem as cicatrizes que marcam o poder e o domínio. É o

poder clandestino que se insurge e resiste dentro da prisão, que ameaça e afronta o poder da instituição e o poder do Estado. É a vontade de transgredir, de resistir e de instituir novas regras dentro do confinamento. A respeito do poder, Foucault (1994, p. 288) afirma: “onde há poder, há resistência.” A tatuagem aponta para comportamentos codificados e ambos, poder e tatuagens, se alastram<sup>5</sup> no interior da prisão.

Quanto ao poder, mais particularmente, Foucault cita Marx ao dizer que “não existe um poder, mas diversos poderes”, e em seguida, assevera que “a sociedade é um arquipélago de poderes diferentes” (1994, p. 186-188). O que Foucault analisa é uma concepção particular por ele denominada *une technologie du pouvoir* (1994, p. 183). Ainda quanto ao eixo poder-domínio, penso nas palavras de Arendt (1994, p. 36): “poder, vigor, força, autoridade e violência seriam simples palavras para indicar os meios em função dos quais o homem domina o homem.” Na prisão, esse jogo de “quem domina quem” eclode nos poderes clandestinos, nos domínios múltiplos e nas tatuagens diversas. Chegamos então a um dos objetivos deste artigo, ou seja, tratar das peles tatuadas ou das tatuagens inscritas na literatura de Genet. Vejamos os primeiros fragmentos entre os que pretendo aqui trazer:

MAURICE

Oui. Montre-moi son portrait.

YEUX-VERTS

Tu le vois tous les matins, quand je me lave.

MAURICE

Montre-le encore. Une dernière fois. YEUX-VERTS, il ouvre brutalement sa chemise et montre à Maurice son torse où est tatoué un visage de femme mais tournant le dos au public qui ne verra jamais le tatouage.

Elle te plaît?

MAURICE

Elle est belle!

[...] YEUX-VERTS

La prison est à moi et J’y suis le maître. (GENET, 1998a, p. 50-51-87-99 e 100)

(Fragmento 1)

<sup>5</sup> Emprego o verbo alastrar porque leio essa rede de poder e as tatuagens na prisão, também pela perspectiva de Deleuze e Guattari. Elas se alastram, se estendem de modo rizomático. [DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*. Vol. I. Trad. Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Ed 34, 1998, p.33.]

[...] Sob a axila, vi a letra A tatuada.

—O que é?

— Grupo sanguíneo. [...] todos nós éramos tatuados.

Sem o olhar para mim, acrescenta:

Nunca terei vergonha da minha letra. Ninguém poderá fazê-la desaparecer. Eu mataria para a conservar. (GENET, 1986, p. 100)

(Fragmento 2)

Como podemos observar, a tatuagem é presença constante nos textos de Genet, sobretudo para marcar uma atividade, uma prática muito comum entre marinheiros, jovens e homens que vivem em casas de detenção, porém ela é tratada com força e delicadeza, sobretudo na peça de teatro de 1949, *Haute Surveillance*, abaixo esquematizada.

O cenário é a cela de uma prisão e nela estão Yeux-Verts, 22 anos, corpo hercúleo e viril, condenado à morte (a supressão da pena de morte na França data de 9/10/1981); Maurice, 17 anos, grande admirador de Yeux-Verts; Lefranc, 23 anos, prestes a sair da prisão. Este tem não só ciúme da estreita amizade entre Yeux-Verts e Maurice como inveja da força e do poder de Yeux-Verts dentro da prisão. A trama se agrava com os conflitos entre Maurice e Lefranc, acirrando-se ainda mais quando Maurice descobre que, diferentemente da tatuagem de Yeux-Verts, que lhe confere poder e força, a de Lefranc é duplamente falsa *c'est du toc*, como afirma Maurice, porque além de não ser de fato uma tatuagem e sim um desenho superficial a tinta, ele também fingia possuir no corpo uma das mais célebres tatuagens do submundo francês *Le Vengeur* (O Vingador).

Aqui funciona o código de poder clandestino de Yeux-Verts. Como contraponto à tatuagem de Lefranc, a de Yeux-Verts é exatamente aquela que lhe confere força, prestígio, *status* de superior entre os detentos e a ampla rede de poder: simbolicamente ele detém o poder.

A tatuagem (falsa) de Lefranc representa, particularmente, o objeto de desejo, o desejo de ter o que lhe falta e de ser o que é Yeux-Verts (ou ainda de ter a posse do falo). Yeux-Verts é fortemente reconhecido pelo poder clandestino, respeitado pelos demais detentos e inclusive pelos carcereiros. Lefranc inveja-lhe intensamente o poder. E por não o ter, no fim da peça, acaba destruindo aquele que mais se dedicava a Yeux-Verts, o jovem Maurice. Lefranc assume a expressão de sua tatuagem (falsa) *Le Vengeur* e o vingador por ser covarde não ataca o forte Yeux-Verts, e sim Maurice, enforcando-o.

Em Genet, a tatuagem não só revela o poder, a força, mas também exala fortemente seu valor erótico expressando o desejo, ou melhor, as múltiplas faces de Eros. No passado, ainda livre, Yeux-Verts marca no corpo, imprime no peito o corpo da mulher amada, e é essa mesma tatuagem que provoca, excita o desejo de Maurice de o contemplar, de olhar fixamente ao mesmo tempo o corpo e a tatuagem de Yeux-Verts.

Yeux-Verts sabe que Maurice o admira, o observa todas as manhãs durante o banho. Sem dúvida, é interessante perceber o jogo entre interior e exterior da tatuagem em relação à sexualidade, sinalizando a imagem feminina (o corpo da mulher) sobre o corpo masculino. Sobre o tronco masculino, o traço de feminilidade interior na dobra interior – exterior. Genet apresenta essa dobra como volutas de delicadeza e poesia.

Sem sombra de dúvida, Maurice é seduzido pela tatuagem e pelo corpo de Yeux-Verts, e o desejo não é de tê-la se não pelo corpo de Yeux-Verts. Em um momento da peça, Maurice fala a Yeux-Verts: “eu sou capaz de matar a tua mulher”. Essa fala de Maurice traz à cena a transposição da dupla feminilidade, pois desvela o feminino em Maurice e no próprio Yeux-Verts.

A declaração de Maurice é decisiva, ele quer matar esse ser feminino no outro e ser ele, Maurice, essa mulher. Ele deseja ser possuído por Yeux-Verts e “carregado” no peito como a tatuagem.

Com delicadeza a cena assinala desdobres sutis da intimidade e da afetividade entre homens. Maurice, que vivia em cumplicidade integral com Yeux-Verts, dedica-lhe afeto, fidelidade e amor ao seu dileto amante. Ele deseja ser possuído por Yeux-Verts e incorporado tal como a segunda pele, a tatuagem, no corpo de Yeux-Verts, ou ainda, ser penetrado, ser fixado, ser colado ao corpo do amante.

Quanto a Lefranc, fica evidente sua exclusão do grupo dos detentos quando Maurice descobre que sua tatuagem é falsa. Por não suportar a vergonha da realidade desmascarada, ele o mata e pede em seguida ajuda a Yeux-Verts. Este, que não teve tempo de salvar Maurice, renega Lefranc chamando o guarda. Cena final da peça. Então, é evidente que Lefranc não suporta a verdade – por não mais fazer parte da mesma “espécie” de Yeux-Verts, do grupo, do clã *Le Vengeur*, e por não poder matá-lo, elimina aquele que revela a sua fragilidade. Excluído do ciclo dos “eleitos”, por não portar a tatuagem, fica destituído do poder clandestino e simultaneamente ratifica o poder de Yeux-Verts.

Ao traçar um paralelo entre a circuncisão e a tatuagem no contexto carcerário, entendo que tanto uma quanto a outra imprimem o timbre, a impressão, a inscrição que marcam na pele a “pele nova”, a segunda

pele. No ritual judaico a circuncisão grava a marca de pertença na pele que circunda o sexo do homem, nesse lugar, a cicatriz exalta a força e o poder de uma herança, a judeidade. A tatuagem *Le Vengeur* abordada na peça representa poder, saber, força, domínio e virilidade, o timbre (marca da herança do poder dos marginais) que é respeitado pelos detentos, ou ainda, a marca de um pacto entre homens. Não tê-la é no mínimo humilhação, de acordo com a lei da horda dos detentos; tê-la é manter simultaneamente o poder clandestino (é ter o falo, é ser o mestre como Yeux-Verts), o poder simbólico e erótico e carregar no corpo e na pele a inscrição, o arquivo do mal, a história, a memória, o desejo de memória e a tradição dos malditos. Observa-se que Genet, em poucas palavras, revela o orgulho e o poder de ser tatuado, de carregar a tatuagem dentro do cárcere (como revela o fragmento 2).

## 2. Das peles tatuadas ao arquivo dos homens híbridos

Ao elaborar uma interpretação (ainda parcial) das tatuagens citadas em alguns fragmentos da obra de Genet, penso na possibilidade de composição de um arquivo. Arquivo que possa conservar, reter, velar e desvelar a memória, o desejo de memória, a história não oficial e os pactos entre os homens híbridos no confinamento. Se Derrida (2001, p. 120) emprega a expressão as “pedras falam”, rasuro aqui o termo pedras e no lugar escrevo: “as peles falam”. Falam, dominam, compõem e guardam um vasto arquivamento: o arquivo do mal (a história e a memória dos homens malditos, dos cárceres e da arquitetura de confinamento) e o mal de arquivo.

De modo sucinto é imprescindível compreender o sentido de *Arquivo do Mal* e *Mal de Arquivo*. A primeira expressão representa o arquivamento, o registro das “peles” que trazem relatos compostos pela horda dos detentos, dos malditos, daí a idéia de organizar o arquivo do “mal”. A segunda expressão foi articulada e fundamentada no pensamento de Derrida, expressão que o filósofo utiliza no diálogo com a psicanálise. Derrida faz lembrar o mito do “eterno retorno” quando afirma que esse mal se revela pela compulsão, por desejos irreprimíveis e constantes de procurar o arquivo, de voltar às origens, como uma inexorável lei do destino. Esse mal é compreendido pelo termo em francês *en mal de* (DERRIDA, 2001, p.68):

Estar com mal de arquivo pode significar outra coisa que não sofrer um mal, [...] é arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente



procurar o arquivo onde ele se esconde [...] É dirigir-se a ele com desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem.

A interpretação que persigo pretende contemplar essas duas expressões mencionadas.

Ao pensar no confinamento e nos detentos advém-me a imagem não de uma prisão, e sim de um labirinto: o de Creta. Labirinto habitado pelo ser maldito – o minotauro. No labirinto, não há saída, existe o estado de punição até a morte.

O labirinto e a prisão são entes histórico-culturais diferentes, suas semelhanças e dessemelhanças merecem ser apreciadas, muito embora, brevemente. No labirinto, encontrar a saída não depende de autorização como ocorre na prisão, esta só se realiza legalmente ao prescrever a saída lícita. No labirinto, há um estado permanente de terror, de medo constante de deparar-se com o minotauro, ou pânico pelo confinamento em que as possibilidades de fuga são mínimas. Por sua vez, os detentos também são perseguidos no cárcere por “mil violentos minotauros transfigurados”<sup>6</sup>.

Seres híbridos como o minotauro e os detentos devem ser confinados e viverem “enjaulados”. Pois os “homens-feras” devem em seus corpos presenciar, sentir e viver o espetáculo da dor, da subjugação, da violência e da morte. Lembram-se aqui as constantes torturas, privações, castigos e mutilações presentes nas prisões.<sup>7</sup> O encarcerado é e representa o ser “degenerado”, a “aberração”<sup>8</sup> humana, pois ele é o sujeito que também, por sua natureza, comete o delito e pratica “as aberrações”, uma vez que carrega, como o minotauro, o estigma, a marca ou as marcas, as cicatrizes dos condenados. Tal como as *Flores do Mal* de Baudelaire, elas exalam e exaltam o mal. Ele, o condenado, o maldito, o híbrido é o detentor do mal, capaz de transgredir a lei e ao mesmo tempo (no interior do cárcere) de solicitá-la e criá-la, de ser o mestre, ou o algoz, ou ainda o escravo dentro da cela. Duro-dócil, brutalidade-delicadeza, híbrido maldito. O fragmento que segue ilustra bem o hibridismo, a dobra brutalidade-fragilidade.

Le vêtement des forçats est rayé rose et blanc [...] il existe donc un étroit rapport entre les fleurs et les bagnards. La fragilité, la délicatesse des premières sont de même nature que la brutale insensibilité des autres. (GENET, 1998b, p. 9)

(Fragmento 3)

<sup>6</sup> Na prisão, entendo que o minotauro representaria a estrutura institucional carcerária vigilante, ou ainda o próprio Panóptico que deve ser driblado por outro sistema; o sistema clandestino de poder. E mais, esse minotauro pode ser representado também pelas formas múltiplas de aniquilamento dentro da prisão como rivalidades, enfermidades, vícios e punições violentas e letais entre outras.

<sup>7</sup> Vejam-se as descrições e análises feitas por Foucault a respeito das torturas nas prisões na história da cultura ocidental. [FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir – Nascimento da Prisão*. Trad. Lígia M. P. Vassalo. Ed. Vozes. Petrópolis, 1986, p. 18.]

<sup>8</sup> Penso na crítica de Foucault quanto aos termos que rotulavam e excluía os detentos já nos registros das prisões. [FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Tome II. Gallimard. Paris, 1994, p. 268.]

É evidente que esse arquivo de peles, em particular das tatuagens, é marcado pela dobra (tal como a dobra no sujeito que quer ser tatuado: “me corte”, eu sou dócil, “eu tenho o falo” ou “eu sou o falo”, sou duro) e pela desdobra: fragilidade-brutalidade; docilidade-dureza; submissão-prepotência, disseminada e presente nos pactos entre os homens.

Dessa forma, o arquivo, além do mal, guarda o hibridismo. Penso que esse arquivo possa ser também composto por um conjunto de “peles”, das peles tatuadas dos detentos, das peles (superfícies arquitetônicas) aos escritos nos papéis dentro do confinamento. Acredito que o mal do arquivo possa fazer suscitar não só um dossiê parcial da história não oficial dos detentos, mas também um arquivo, como diria Freud, construído ou reconstruído como produto ou resultado de uma escavação incessante, repetitiva e até nostálgica que, atenta aos traços, às impressões, aos escritos e aos textos, traz à tona a memória, a resistência, a existência e as experiências dos detentos.

Volto ao aspecto híbrido. Em Genet, ele apresenta a possibilidade do devir híbrido sem imposições, para além das bordas, para além das fronteiras (BHABHA, 1994, p. 4), exposto nas experiências múltiplas da sexualidade, do corpo, do desejo, do uso e do desfrute dos prazeres.

Entendo também o híbrido na metáfora homem-fera, segundo Deleuze e Guattari (1996), pelo conceito do devir-animal, o transformar-se em fera. É nesse espaço de uma das mais desumanas experiências que o homem também se torna animal revelando duas forças: dureza e docilidade.

De um lado, o híbrido se faz duro. Realço que a prisão contém uma ampla rede de políticas, práticas e técnicas (FOUCAULT, 1986) que promovem o devir-animal e o torna mais fera. Além da estrutura intrínseca ao sistema carcerário, identifica-se as presenças do poder oficial e o poder paralelo que fomentam e disseminam esse devir. Evoco que, dentro do cárcere, as rivalidades, as desigualdades, as subjugações, os crimes, as dominações e as perseguições (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 158) aceleram esse processo. Existe também uma luta contínua dentro do confinamento entre os detentos e os “minotauros transfigurados”.

De outro lado, junto ao duro, complementar, há o dócil, não o dócil no sentido de ser submisso, subjugado, embora exista essa cruel subjugação, mas, em especial, trato da docilidade conforme exalta Genet. Exatamente aquela presente na relação afetiva e erótica entre homens, que surge na dobra duro-dócil, na possibilidade de vir a ser híbrido.

Para senti-la, destaco mais dois fragmentos da obra de Genet (1998b, 1998c. p. 154)

Nos torses nus luisaient. [...] Et dans mon hamac, je m'endormais dans ses bras [...] J'aimais Villeroy qui m'aimait. Parce qu'enfant lui-même (il avait dix-huit ans) il était plus près de moi que personne (à l'exception de Pilorge) ne le fut jamais. Qu'il fit avec moi l'amour le premier soir.

(Fragmento 4)

A la vague de tendresse répond toujours ce simple bécot où je sens s'épanouir à fleur de ma peau la douceur d'un garçon simple et candide. A ce signe je reconnais sa docilité aux injonctions du cœur, la soumission de son corps à mon esprit. Je chuchote ma voix étouffée par le poids de sa tête:

- Quand tu es comme ça, anéanti contre moi, j'ai l'impression de te protéger.
  - Moi aussi, dit-il. Et il me donne vite un de ses bécots-réponses.
  - Quoi, toi aussi?
  - J'ai, moi aussi, l'impression de te protéger.
  - Oui? Pourquoi? Je te parais faible?
- Dans un souffle, gentiment il me dit:
- Oui... je te protège.

(Fragmento 5)

Os fragmentos 4 e 5 revelam o que particularmente denomino de hibridismo. O excesso em Genet transborda pelas margens, pelas bordas de seus escritos, fazendo surgir o duplo elo, a dupla borda, a dupla ereção: o erotismo e o amor entre homens é exaltado-exalado em seus escritos, na dobra híbrida do duro-dócil, forte-fraco. O duplo elo entre homens, como Genet bem escreve, é muitas vezes marcado, atravessado por rivalidades, devotamentos, subjugações, exaltações, consagrações. A dupla ligação das relações tratadas por Genet questiona as normas institucionais orientadoras dos corpos do sexo masculino. Ele desvela o erotismo e a afetividade por meio de um entre-lugar, não apenas aquele das paixões extremas, mas aquele em que não há subjugação, onde há, de fato, um outro-lugar, ou ainda um *double bind*<sup>9</sup>, longe do clichê passivo-ativo. No quinto fragmento, em particular, Genet mostra essa

<sup>9</sup> “O instante da fissura textual sinalizado no ‘por um lado’ e ‘por outro lado’ encontra seu equivalente na composição híbrida do *double bind* [...] em sentido amplo trata-se de um dilema.” Termo traduzido por Evando Nascimento (como tradução provisória): “duplo elo, dupla ligação, dupla ereção, dupla beira [...] associado a uma dupla teoria como a possibilidade de ainda se poder falar em discurso teórico no horizonte da desconstrução [...] dessa dupla teoria [...] a leitura dos textos de Genet, seria também exemplar.” [NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a Literatura*. 2ª ed. Niterói: Eduff, 2002. p. 98-99.]

relação, esse afeto, longe do domínio institucional do poder e da lei e próximo do encontro entre iguais. Existe afeto, cumplicidade e amor. Em lugar da normatividade institucional viciosa, ele revela o afeto entre iguais. Essa cumplicidade dos amantes dobrada realiza-se na sedução e no erotismo em que forte-fraco, duro-dócil interpenetram-se, tornam-se, antes de tudo, um para o outro, dois corpos, híbridos.

Da metáfora-imagem do Minotauro, isto é, dos homens meio homens, meio feras passando pela figura da dobra-desdobra, pela qual se revelam os homens duros-dóceis, penso aproximar-me do sentido real, existencial dos homens híbridos, em especial daqueles que atravessaram ou atravessam a experiência do confinamento. Julgo ter exposto aqui os elementos fundamentais, a matéria prima a ser utilizada na composição do arquivo. Ainda do arquivo, considero que ele deva se caracterizar, conforme o pensamento de Derrida, pela impaciência, “a impaciência absoluta de um desejo de memória” (DERRIDA, 2001, p.9). Desejo este que também parece contagiar aquele que quer ser tatuado. A tatuagem revela a memória na pele e sobre a pele e o desejo inquieto inscrito e incorporado na pele.

Ao imaginar o arquivo, o híbrido e as tatuagens, percorro passagens e torvelinhos presentes na arte de Genet. E nessa travessia acompanho os rastros, os traços, os vestígios e os segredos deixados na literatura de Genet.

Esse artigo, que é também dedicado aos detentos, me faz questionar: quem são esses condenados? Não respondo: só sei dizer parafraseando Deleuze e Guattari (2002, p. 143) “selvagens, bárbaros, civilizados” somos todos dentro ou fora das prisões. E mais, atravesso essa literatura entre escritos, restos, impressões, cinzas e ruínas, e me reconheço no título do livro de Derrida, *O animal que logo sou* (2002). Aproximo-me também do devir-animal, devir que não se restringe aos homens confinados. Deparo-me com a tênue passagem das fronteiras entre o animal e o homem. “Ao passar as fronteiras ou os fins do homem, chego ao animal: ao animal em si, ao animal em mim e ao animal em falta de si mesmo, a esse homem de que Nietzsche dizia [...] ser um animal ainda indeterminado, um animal em falta de si mesmo.”

Sigo obstinado como animal e homem que sou, impregnado da literatura de Genet.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento* - fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ARENDDT, Hannah. *Sobre a Violência*. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- BHABHA, Homi. *The location of culture*. London: Routledge, 1994.
- BEAUJEAN, Antoine. *Littré. Dictionnaire de la langue française*. Paris: Gallimard. Hachette, 1959.
- BOREL, Francis. *Le Vêtement incarné* - les métamorphoses du corps. Paris: Calmamm-Lévi, 1992.
- CANDAU, Joel. *Memoire et Identité*. Paris: Puf, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Trad. Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Ed.34, 1998, Vol. I.
- \_\_\_\_\_. *Mil Platôs*. Trad. Júlio Guimarães. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, Vol. IV.
- \_\_\_\_\_. *O anti Édipo*. Trad. Joana M. Varela e Manuel Carrilho. Lisboa: Ed Assírio e Alvim, 2002.
- DERRIDA, J. *La Dissémination*. Paris: Éditions du Seuil, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Mal de Arquivo* - Uma impressão freudiana. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O animal que logo sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- DUBOIS, Jean (direction). *Larousse*. Dictionnaire de la langue française. Paris: Larousse, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir* - Nascimento da Prisão. Trad. Lígia M. P. Vassalo. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994, Tome I, II, III et IV.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Mitológica Rosiana*. Ensaios 37. São Paulo: Ed. Ática, 1978.
- GENET, Jean. *Haute Surveillance*. Paris: Gallimard Folio, 1998a.
- \_\_\_\_\_. *Journal du Voleur*. Paris: Gallimard Folio, 1998b.
- \_\_\_\_\_. *Miracle de la Rose*. Paris: Gallimard Folio. 1998c.
- \_\_\_\_\_. *O diário de um ladrão*. Trad. Jacqueline Laurence e Roberto Lacerda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Rio Gráfica, 1986.
- NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura*. 2ª ed. Niterói: Eduff, 2002.